

LIÇÃO 3 - Rejeição da Visão de que Uma Coisa Tem Potência Apenas Quando Está Agindo. Rejeição da Visão de que Todas as Coisas São Possíveis

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 3 e 4: 1046b 29-1047b 30

“ 751. Há alguns, como os membros da escola megárica, que dizem que uma coisa tem potência para agir apenas quando está agindo, e que quando não está agindo não tem essa potência; por exemplo, quem não está construindo não tem o poder de construir, mas apenas quem está construindo quando está construindo; e o mesmo ocorre em outros casos.

752. Não é difícil perceber as consequências absurdas dessa posição. Pois é evidente, segundo essa visão, que um homem não será um construtor se não estiver construindo, porque ser um construtor é ser capaz de construir. O mesmo se aplica no caso das outras artes. Portanto, se é impossível possuir tais artes a menos que alguém, em algum momento, as tenha aprendido e adquirido, e se é impossível não as ter a menos que alguém, em algum momento, as tenha perdido (seja por esquecimento, por alguma mudança ou pelo passar do tempo; pois isso não pode ocorrer como resultado da destruição do objeto, já que ele sempre existe), quando alguém deixar de usar uma arte, não a terá; e, no entanto, será capaz de construir imediatamente, recuperando-a de alguma forma.

753. E o mesmo será verdade no caso das coisas inanimadas; pois nem o frio, nem o quente, nem o doce, nem o amargo, nem qualquer coisa sensível existirá de forma alguma se não estiver sendo percebida. Logo, eles terão que defender a teoria que Protágoras defendeu.

754. De fato, nada terá sentidos a menos que esteja sentindo ou agindo. Portanto, se cego é aquilo que não tem o poder da visão, embora seja projetado pela natureza para tê-lo, e quando é projetado pela natureza para tê-lo, e enquanto existe, as mesmas pessoas serão cegas muitas vezes durante o dia; e surdas também.

755. Além disso, se o que é privado de uma potência é incapaz, será impossível que aquilo que ainda não foi gerado venha a ser; mas quem diz que o que não pode possivelmente ser gerado ou é ou será, está em erro; pois é isso que impossível ou incapaz significa. Portanto, essas teorias eliminam tanto o movimento quanto a geração; pois o que está de pé estará sempre de pé, e o que está sentado estará sempre sentado, porque, se está sentado, não se levantará, já que é impossível que algo se levante que não tenha possibilidade de fazê-lo.

756. Portanto, se é impossível sustentar isso, é evidente que potência e ato são distintos. Mas essas visões tornam potência e ato a mesma coisa, e por essa razão não é uma coisa pequena que elas procuram destruir. Logo, é possível que uma coisa seja capaz de ser e ainda não ser, e que uma coisa não seja e ainda seja capaz de ser. E é semelhante no caso das outras categorias; por exemplo, uma coisa pode ser capaz de andar e ainda não andar, e ser capaz de não andar e ainda andar.

757. Além disso, uma coisa tem uma potência se não há nada de impossível em ela ter o ato daquilo que se diz que ela tem a potência. Quero dizer, por exemplo, que se uma coisa é capaz de sentar, e acontece de estar sentada, não haverá nada de impossível em ela estar em uma posição sentada; e é semelhante se ela é capaz de ser movida ou de mover algo, ou de ficar de pé ou fazer uma coisa ficar de pé, ou de ser ou vir a ser, ou de não ser ou não vir a ser.

758. E a palavra ato, que é combinada com enteléquia, é estendida principalmente do movimento para outras coisas; pois o ato parece ser identificado principalmente com o movimento. E por essa razão eles não atribuem movimento a coisas inexistentes, mas atribuem as outras categorias. Por exemplo, coisas inexistentes são consideradas objetos do intelecto e do desejo, mas não estarem em movimento. E a razão é que elas teriam que existir em ato, mesmo que não existissem em ato; pois algumas coisas inexistentes são potenciais. No entanto, elas não existem, porque não existem em ato completo.

759. Agora, se o que foi chamado de potencial ou possível é tal porque algo se segue disso, é evidente que não pode ser verdadeiro dizer que uma coisa é possível mas não será, porque as coisas que não podem possivelmente ser desapareceriam então. Um exemplo seria se alguém, pensando que nada é impossível, afirmasse que é possível que a diagonal de um quadrado seja comensurável, mesmo que não seja comensurável; porque nada impede que uma coisa que é capaz de ser ou de vir a ser não seja ou não venha a ser. Mas essa conclusão segue necessariamente das coisas estabelecidas acima. E se supomos que aquilo que não é, mas é capaz de ser, é ou veio a ser, nada seria impossível. Mas, neste caso, algo impossível ocorrerá; pois é impossível que uma diagonal seja comensurável. Pois ser falso e ser impossível não são a mesma coisa; pois, embora seja falso que você está agora de pé, não é impossível.

760. E ao mesmo tempo é evidente que, se, quando A existe, B deve existir, então, se A é possível, B deve ser possível; pois, se não é necessário que B seja possível, nada impede que não seja possível. Portanto, seja A possível. E, se A é possível, então, quando A é possível, se A é suposto existir, nada de impossível se segue, mas B necessariamente existe. Mas isso foi suposto ser impossível. Portanto, seja B impossível. Então, se B deve ser impossível, A deve sê-lo também. Mas o primeiro foi suposto ser impossível; portanto, também o segundo. Logo, se A é possível, B também será possível, isto é, se eles estão relacionados de tal modo que, quando A existe, B deve existir. Portanto, se, quando A e B estão assim relacionados, B não é possível, então A e B não estarão relacionados do modo suposto. Por outro lado, se, quando A é possível, B deve ser possível, então, se A existe, B deve existir. Pois dizer que B deve ser possível se A é possível significa que, se A existe tanto quando existe quanto do modo como é possível que exista, então B também deve existir e existir desse modo.

COMENTÁRIO

Objeção 1: Uma coisa tem potência apenas quando está agindo

1795. Tendo comparado um tipo de potência com outro na discussão acima, aqui o Filósofo começa a explicar como potência e ato são encontrados no mesmo sujeito. Isso se divide em duas partes. Na primeira, ele rejeita as opiniões falsas de alguns homens. Na segunda (1815), ele estabelece a verdade (“E visto que entre”).

A primeira se divide em duas partes. Na primeira parte, ele rejeita a opinião daqueles que diziam que uma coisa é possível ou potencial apenas quando está em estado de ato. Na segunda parte (1810), ele rejeita a opinião daqueles que sustentam o contrário disso: que todas as coisas são potenciais ou possíveis, mesmo que não estejam em estado de ato (“Agora, se o que”).

Em relação à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro, rejeita a opinião errônea mencionada. Segundo (1804), explica o que é ser potencial ou possível, e o que é ser atual ("Além disso, uma coisa").

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, apresenta essa opinião. Segundo (1796), ele a destrói ("Não é difícil"). Terceiro (1803), ele tira a conclusão pretendida ("Portanto, se").

Ele diz, portanto, primeiro, que alguns afirmaram que algo está em estado de potência ou capacidade apenas quando está agindo; por exemplo, um homem que não está realmente construindo é incapaz de construir, mas é capaz de construir apenas quando está realmente construindo; e eles falam de maneira semelhante sobre outras coisas.

A razão para essa posição parece ser que eles pensavam que todas as coisas acontecem necessariamente devido a alguma conexão entre causas.

Assim, se todas as coisas acontecem necessariamente, segue-se que aquelas que não acontecem são impossíveis.

1796. **Não é difícil** (752). Em seguida, ele apresenta argumentos contra a opinião acima, e estes a reduzem a suas consequências absurdas. O primeiro é o seguinte: estar construindo é ter o poder ou a capacidade de construir. Portanto, se ninguém tem o poder ou a capacidade de agir exceto quando está agindo, ninguém é construtor exceto quando está construindo. E o mesmo será verdade para as outras artes; pois todas as artes são certas capacidades ou potências, como foi apontado (1786). Segue-se, então, que ninguém terá uma arte exceto quando a estiver exercendo.

1797. Mas isso se mostra impossível se duas suposições forem feitas. A primeira é esta: se alguém não tinha inicialmente uma arte, seria impossível que a tivesse depois, a menos que a tivesse aprendido ou adquirido de alguma forma, isto é, por descoberta.

1798. A segunda suposição é que, se alguém tinha uma arte, seria impossível que não tivesse a mesma arte depois, a menos que a perdesse de alguma forma, seja por esquecimento, seja por alguma doença, seja pelo passar de um longo tempo durante o qual o conhecimento não foi exercido; pois esta é a causa do esquecimento. Ora, não pode ser que alguém perca uma arte como resultado da destruição de seu objeto, como às vezes acontece que o conhecimento verdadeiro se perde quando uma coisa muda; por exemplo, quando alguém faz um juízo verdadeiro de que Sócrates está sentado, seu juízo verdadeiro é destruído quando Sócrates se levanta. Mas isso não pode ser dito sobre uma arte; pois uma arte não é um conhecimento do que existe, mas do que deve ser feito; e enquanto a matéria a partir da qual uma arte pode produzir algo continuar a existir, o objeto dessa arte sempre existe. Logo, uma arte não pode ser perdida quando seu objeto é destruído, exceto das maneiras mencionadas.

1799. Ora, a partir dessas duas suposições, o Filósofo argumenta da seguinte forma: se um homem não tem uma arte exceto quando a está exercendo, então quando ele começa a exercê-la, ele a tem novamente. Portanto, ele deve tê-la aprendido ou adquirido de alguma outra forma. E, da mesma forma, quando ele cessa de exercer uma arte, segue-se que ele não tem essa arte, e assim ele perde a arte que antes possuía, seja por esquecimento, seja por alguma mudança, seja pelo passar do tempo. Mas ambas as coisas são claramente falsas; portanto, não é verdade que alguém

tenha uma potência apenas quando está agindo.

1800. **E o mesmo** (753). Aqui ele dá o segundo argumento, que agora tem a ver com os princípios irracionais presentes em coisas não vivas, a saber, quente e frio, doce e amargo, e outras qualidades desse tipo, que são princípios ativos que alteram os sentidos e, portanto, são potências. Ora, se a potência está presente em uma coisa apenas quando está agindo, segue-se que nada é quente ou frio, doce ou amargo, e assim por diante, exceto quando está sendo sentido através de uma alteração nos sentidos. Mas isso é claramente falso; pois se fosse verdade, seguir-se-ia que a opinião de Protágoras seria verdadeira, já que ele dizia que todas as propriedades e naturezas das coisas só existem no ser sentido e no ser pensado.

E disso seguir-se-ia que contraditórios seriam verdadeiros ao mesmo tempo, já que homens diferentes têm opiniões contraditórias sobre a mesma coisa. Ora, o Filósofo argumentou dialeticamente contra essa posição acima, no Livro IV (636). Portanto, é falso que a potência exista apenas quando há atividade.

1801. **Além disso, se a visão** (754). Aqui ele dá o terceiro argumento, que é o seguinte: o sentido é um tipo de potência. Portanto, se a potência existe apenas quando há atividade, segue-se que um homem tem poder sensorial apenas quando está sentindo, por exemplo, o poder da visão ou da audição. Mas aquele que não tem o poder da visão, embora seja naturalmente disposto a tê-lo, é cego; e aquele que não tem o poder da audição é surdo. Logo, ele será cego e surdo muitas vezes no mesmo dia. Mas isso é claramente falso, pois um cego não recupera a visão depois, nem um surdo a audição.

1802. **Além disso, se o que** (755). Aqui ele dá o quarto argumento, que é o seguinte: é impossível que uma coisa aja se não tem o poder de agir. Portanto, se alguém tem uma potência ou poder apenas quando está agindo, segue-se que quando não está agindo, é impossível que aja. Mas quem diz que algo incapaz de acontecer ou é ou será, está enganado. Isso é evidente a partir do significado da palavra impossível; pois o impossível é dito ser falso porque não pode acontecer. Segue-se, então, que algo que não é é incapaz de vir a ser de qualquer maneira. E assim a potência entendida dessa forma eliminará o movimento e a geração, porque quem está de pé ficará sempre de pé, e quem está sentado ficará sempre sentado. Pois se alguém está sentado, nunca se levantará depois, porque enquanto não está de pé, não tem o poder de ficar de pé. Logo, é impossível que ele fique de pé e, conseqüentemente, é impossível que ele se levante. Da mesma forma, o que não é branco será incapaz de ser branco e, assim, não poderia ser tornado branco. O mesmo vale para todas as outras coisas.

1803. **Portanto, se** (756).

Ele tira sua conclusão pretendida, dizendo que, se os absurdos mencionados acima não podem ser admitidos, é óbvio que potência e ato são distintos. Mas aqueles que defendem a posição anterior tornam potência e ato a mesma coisa, na medida em que afirmam que algo tem potência apenas quando está em estado de ato. E disso fica evidente que desejam remover da natureza algo de não pouca importância, pois eliminam o movimento e a geração, como foi dito (1802). Portanto, como isso não pode ser admitido, é óbvio que algo é capaz de ser, embora ainda não seja, e que algo é capaz de não ser, embora já seja. E "é semelhante no caso das outras categorias", ou

predicamentos, porque é possível que alguém que não está andando venha a andar, e, inversamente, é possível que alguém que está andando deixe de andar.

1804. Além disso, uma coisa (757).

Aqui ele explica o que é ser potencial e o que é ser atual. Primeiro, explica o que é ser potencial. Diz que é dito ser potencial aquilo do qual nada de impossível decorre quando se assume que é atual; por exemplo, se alguém dissesse que é possível alguém sentar-se, se nada de impossível decorrer quando se assume que ele está sentado. E o mesmo vale para ser movido e mover algo, e outros casos desse tipo.

1805. E a palavra "ato" (758).

Segundo, ele explica o que é ser atual. Diz que a palavra ato é usada para significar *entelequia* e perfeição, ou seja, a forma, e outras coisas desse tipo, como qualquer ação, deriva-se propriamente do movimento, no que diz respeito à origem da palavra. Pois, como as palavras são sinais das concepções intelectuais, primeiro damos nomes àquelas coisas que primeiro compreendemos, mesmo que sejam posteriores na ordem da natureza. Ora, de todos os atos que percebemos de modo sensível, o movimento é o mais conhecido e evidente para nós; e, portanto, a palavra ato foi primeiramente referida ao movimento, e do movimento a palavra foi estendida a outras coisas.

1806. E por essa razão o movimento não é atribuído a coisas inexistentes, embora certas outras categorias mencionadas acima sejam atribuídas a inexistentes; pois dizemos que coisas inexistentes são inteligíveis, ou pensáveis, ou até desejáveis, mas não dizemos que são movidas. Pois, como ser movido significa ser atual, segue-se que coisas que não existem atualmente existiriam atualmente; mas isso é obviamente falso. Pois, mesmo que algumas coisas inexistentes sejam potenciais, ainda não se diz que são, uma vez que não são atuais.

Objeção 2: Todas as coisas são possíveis.

1807. Ora, se o que (759).

Tendo destruído a opinião daqueles que afirmam que nada é possível exceto quando é atual, o Filósofo agora destrói a opinião oposta daqueles que afirmam que todas as coisas são possíveis; e a respeito disso faz duas coisas. Primeiro, destrói essa opinião. Segundo (1810), estabelece uma verdade sobre a sucessão das coisas possíveis.

Ele diz, portanto, primeiro, que, se é verdade que algo é dito possível porque algo decorre disso, na medida em que o possível foi definido como aquilo do qual nada de impossível decorre se for assumido existir, é evidente que as afirmações de alguns pensadores de que qualquer coisa é possível, mesmo que nunca venha a ser, não podem ser verdadeiras, pois como resultado dessa posição coisas impossíveis serão eliminadas. Por exemplo, se alguém dissesse que a diagonal de um quadrado pode ser comensurável com o lado, mesmo que não seja comensurável com ele (e poder-se-ia falar da mesma forma sobre outras coisas impossíveis), e não pensasse que é impossível para o diâmetro de um quadrado ser comensurável com o lado, aqueles que mantêm essa posição, digo, falam verdadeiramente em um sentido e em outro não.

1808. Pois há algumas coisas que nada impedirá de designar como capazes ou possíveis de vir a ser, mesmo que nunca venham a ser ou jamais se realizem; mas isso não pode ser dito de todas as coisas. Contudo, segundo a doutrina estabelecida acima, e que agora devemos assumir, apenas aquelas coisas são capazes de ser ou vir a ser, mesmo que não sejam, das quais nada de impossível decorre quando são postas. No entanto, quando se põe que a diagonal de um quadrado é comensurável, uma conclusão impossível decorre. Assim, não se pode dizer que é possível que a diagonal seja comensurável, pois não é apenas falso, mas impossível.

1809. Ora, algumas coisas são apenas falsas, mas não impossíveis, como que Sócrates está sentado ou que está de pé. Pois ser falso e ser impossível não são a mesma coisa; por exemplo, é falso que você está agora de pé, mas não é impossível.

Portanto, a opinião anterior é verdadeira para algumas coisas, porque algumas são possíveis mesmo que sejam falsas. No entanto, não é verdadeira para todas as coisas, porque algumas são tanto falsas quanto impossíveis.

1810. **E ao mesmo** (760).

E como ele havia dito que algo é julgado possível porque nada de impossível decorre disso, ele indica a maneira como há consequentes possíveis. Diz que não apenas a posição em questão é destruída pela definição do possível dada acima, mas também é evidente ao mesmo tempo que, se o antecedente de uma proposição condicional é possível, o consequente também será possível; por exemplo, se esta proposição condicional "Se quando A é, B é" é verdadeira, então, se A é possível, B deve ser possível.

1811. Agora, para entender isso, devemos notar que a palavra *possível* é usada em dois sentidos: (1) Em primeiro lugar, em contraposição ao necessário, como quando chamamos de possíveis aquelas coisas que podem ser ou não ser. E quando "possível" é tomado dessa forma, as observações anteriores não se aplicam. Pois nada impede que o antecedente seja capaz de ser ou não ser, mesmo que o consequente seja necessário, como é claro nesta proposição condicional: "Se Sócrates ri, ele é um homem."

1812. (2) A palavra "possível" é usada em um segundo sentido, na medida em que é comum tanto às coisas que são necessárias quanto às que podem ser ou não ser, conforme o possível se distingue do impossível. E o Filósofo está falando do possível dessa maneira aqui, quando diz que o consequente deve ser possível se o antecedente era possível.

1813. Pois suponha-se que esta proposição condicional seja verdadeira: Se A é, então B é; e suponha-se que o antecedente, A, seja possível. Então é necessário que B seja possível ou não. Ora, se é necessário, a suposição se segue. Mas se não é necessário, nada impede o oposto de ser suposto, a saber, que B não é possível. Mas isso não pode permanecer; pois A é suposto como possível, e quando é suposto como possível, ao mesmo tempo se supõe que nada de impossível decorre dele; pois o possível foi definido acima como aquilo do qual nada de impossível decorre. Mas B decorre de A, como foi suposto, e B foi suposto como impossível; pois ser impossível é o mesmo que não ser possível. Portanto, A não será possível se B, que foi considerado impossível, decorre dele. Portanto, suponha-se que B seja impossível, e se é impossível e dado A, B deve

existir, então tanto o primeiro quanto o segundo, a saber, A e B, serão impossíveis.

1814. Nesse ponto, deve-se notar que a seguinte proposição está correta: (+) se o consequente é impossível, o antecedente é impossível; mas ($\sim$) o inverso não é verdadeiro. Pois nada impede que algo necessário seja consequência do impossível, como nesta proposição condicional: "Se o homem é um asno, ele é um animal."

Portanto, o que o Filósofo diz aqui não deve ser entendido como significando que, se o primeiro, i.e., o antecedente, fosse impossível, então o segundo, i.e., o consequente, também seria impossível. Mas deve ser entendido como significando que, se o consequente é impossível, ambos serão impossíveis.

Portanto, é óbvio que, se A e B estão relacionados de modo que, quando A é, B deve ser, segue-se necessariamente que, se A é possível, B será possível; e se B não é possível quando A é possível, então A e B não estão relacionados da maneira suposta, a saber, que B decorre de A. Mas é necessário que, quando A é possível, B deve ser possível, se, quando A existe, é necessário que B exista. Portanto, quando digo "Se A é, B é", isso significa que B deve ser possível se A é possível, no sentido de que é possível para B existir ao mesmo tempo e da maneira que A é possível; pois não é possível que exista em qualquer tempo e de qualquer maneira.

Revision #2

Created 17 September 2026 23:05:13 by Admin

Updated 17 September 2026 23:12:11 by Admin